

A AMAMENTAÇÃO À LUZ DO ESTILO CLÍNICO SER E FAZER

Natália Del Ponte de Assis

Andréia de Almeida Schulte

Tânia Aiello Vaisberg

Resumo: O presente trabalho objetiva, a partir de um diálogo com a literatura, apresentar uma compreensão psicológica sobre a amamentação, desde a perspectiva do Estilo Clínico Ser e Fazer. Para tanto, discorreremos brevemente sobre aspectos culturais que influenciam o modo como a mãe pode ou não vivenciar tal atividade. Em seguida, inspiramo-nos em contribuições winnicottianas no que diz respeito ao desenvolvimento emocional do bebê, considerando a amamentação como conduta importante que, quando bem-sucedida, favorece os processos de integração psicossomática e a capacidade criadora por meio da experiência de onipotência. Por fim, refletimos sobre os desafios da maternidade contemporânea, uma vez que vivemos atualmente transformações culturais que apontam para a necessidade de desenvolvimento de formas comunitárias de parentalidade, na busca de relações mais éticas, igualitárias e solidárias.

Palavras-chave: Amamentação; Maternidade; Parentalidade; Winnicott; Cultura.

A amamentação como ato humano: desafios e possibilidades

Ainda que a amamentação possa ser considerada uma função biológica, que caracteriza os animais mamíferos, o ato de amamentar, bem como o ato de mamar, devem, a partir da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), ser entendidas como condutas por excelência. Contudo, tais manifestações que, como toda conduta, são vivenciadas emocionalmente, serão sempre fortemente configuradas pelas crenças culturais que circulam na sociedade. Dessa forma, considerando devidamente os substratos afetivos e emocionais dos atos humanos, a amamentação poderá ser vivenciada de modo mais ou menos integrado pela mãe, segundo sua maturidade emocional e a qualidade do ambiente em que vive, o que interferirá no modo como lida com essa tarefa.

Partindo da consideração de que a amamentação deve ser compreendida enquanto atividade que pode ser exercida em múltiplos contextos culturais, é importante perceber

que diversos valores e crenças influenciam no modo como a mãe vivenciará tal experiência. Assim, reconhecemos que o ato de amamentar pode ser carregado de diferentes sentidos, uma vez que pode ser tanto gratificante e/ou desafiador, bem como dificultar o estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê, quando, por exemplo, torna-se uma espécie de obsessão ou quando a mãe biológica não se encontra em condições físicas e/ou emocionais que favoreçam a amamentação de modo suficientemente bom.

Sabemos que para muitas pessoas o ato de amamentar seria importante apenas no sentido de cumprir sua função óbvia de nutrir o bebê. Nesse sentido, vale lembrar que uma empresa americana, especializada no suporte ao aleitamento infantil, realizou uma pesquisa com mais de 13 mil mulheres residentes em nove países⁸ e encontrou baixo reconhecimento – apenas 4% - de que o aleitamento ao seio seria relevante para além da sua função nutritiva (Lansinoh, 2014). Entretanto, como psicólogas/psicanalíticas que adotam o estilo clínico Ser e Fazer e frequentam os textos winnicottianos (Winnicott, 1975/1971; 1983/1960; 1992/1945), não podemos deixar de reconhecer que a amamentação pode desempenhar um importante papel na constituição do bebê como pessoa.

Pesquisadores estudiosos da vida dos bebês e dos psicóticos, quando se alinham segundo o paradigma psicanalítico relacional (Greenberg & Mitchell, 1994), geralmente consideram que nascemos num estado psíquico fusional, vale dizer, como se, do ponto de vista do bebê, ele próprio e sua mãe não fossem dois diferentes seres humanos, mas um conjunto inseparável, motivo pelo qual Souza (2007) afirma que este seria um vínculo pré-subjetivo quando visto a partir do bebê que se mantém em estado fusional. Em outros termos, poderíamos dizer que no início o bebê sai do útero, mas não se vivencia como um ser individual e separado da mãe. Para que o bebê se torne uma pessoa separada, ou seja, um ser singular com capacidade para perceber, pensar, sentir, agir e existir desde seu próprio ponto de vista, é necessário que amadureça emocionalmente, evoluindo de um estado de dependência absoluta para uma dependência relativa, rumo à independência (Winnicott, 1992/1945). Contudo, vale frisar que consideramos o termo interdependência como mais adequado do que a expressão rumo à independência, uma vez que a pessoa humana não é jamais totalmente independente de outras pessoas e ambientes sociais, dada sua condição de ser inerentemente social e vincular (Bleger, 1963). Por este motivo, Berenstein e Pujet (2008/1997), afirmam que a experiência

⁸ Essa pesquisa foi realizada nos seguintes países: Brasil, China, França, Alemanha, Hungria, México, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos.

humana é vivida em espaços intersubjetivos, transobjetivos e intrasubjetivos, sendo esse último também de caráter vincular.

Concordamos que o processo de amadurecimento pessoal se torna possível a partir do encontro entre o potencial herdado pelo bebê com o cuidado que lhe dispensa o ambiente em que está inserido o qual, quando suficientemente bom, favorece o desenvolvimento de um *self* integrado (Winnicott, 1983/1960). Em princípio, tal cuidado não precisa ser assumido exclusivamente pela mãe biológica, como bem demonstram diferentes arranjos culturais (Gottlieb, 2012; Rogoff, 2005). Entretanto, tem prevalecido, na sociedade ocidental, a tendência a considerar que a mãe seria sempre a melhor cuidadora, devendo ser substituída em condições muito especiais, no caso de sua morte ou doença grave, por exemplo, o que sempre traria prejuízo ao filho. Assim, faz sentido o posicionamento de Winnicott (1980/1960) quando considerou que, no início da vida do bebê, a mãe corresponderia ao próprio ambiente de vida, na medida em que conseguiria ser sensível e atenta para prover os cuidados necessários. Nesse sentido, sustentaria a continuidade de ser do bebê, garantindo o seu desenvolvimento emocional saudável.

A oportunidade de o bebê criar/encontrar o seio da mãe

De acordo com o estilo clínico Ser e Fazer, abordagem que se fundamenta numa articulação entre exigências epistemológicas e metodológicas formuladas por Bleger (1963), no interesse de desenvolver uma psicologia concreta, e a psicanálise winnicottiana, a mamada seria uma experiência *sine qua non* no processo de constituição do *self*, vale dizer, da personalidade individual. Esclarecemos que essa experiência tanto pode acontecer quando a criança é alimentada ao seio de sua mãe, ao seio de outra mulher ou mesmo por meio de uma mamadeira disponibilizada de forma cuidadosa e sensível. Assim, é preciso lembrar que o fato de um bebê ser alimentado ao seio não garante, de modo algum, que a mamada seja psicologicamente satisfatória.

Para que essa primeira mamada teórica ocorra (Winnicott, 1992/1945), é preciso que seja antecedida por uma experiência de necessidade, de fome, de desconforto do bebê, para que, em seguida, o alimento seja oferecido no momento em que estiver pronto para recebê-lo. Logo, o alimento já estaria lá, do ponto de vista de um observador, mas teria sido criado onipotentemente pelo bebê, desde seu ponto de vista. Desse modo, o bebê vivenciaria que a dor e o desconforto causados pela fome poderiam acabar e, mais que isso, acabariam no momento em que ele “criasse” o alimento (Winnicott, 1992/1945).

Dessa forma, a satisfação seria fundamentalmente vivida como uma experiência de onipotência: “Eu, bebê, criei o seio de que necessito, aquele que me salva”. De acordo com Aiello-Vaisberg (2007), a partir dessa experiência, que pode ser considerada uma forma de loucura onipotente, inscreve-se paradoxalmente a possibilidade de sanidade, ou seja, criam-se bases para a continuidade do viver de forma integrada. Assim, se amamentar e ser amamentado pode carregar múltiplos sentidos, tais como alívio, saciedade, invasão e fome, entre outros, presta-se, fundamentalmente, como oportunidade para a experiência fundante da onipotência. Por esta via, a amamentação, quando bem-sucedida, favorece a integração psicossomática, o sentimento de estar seguro e a capacidade criadora, elementos indispensáveis para a constituição do verdadeiro *self* (Winnicott, 1980/1960). Logo, na perspectiva winnicottiana, uma experiência bem-sucedida de amamentação é o ponto de partida de todos os seres humanos psicologicamente saudáveis e sua falta pode gerar consequências de considerável gravidade, ensejando a emergência das chamadas agonias impensáveis, formas de angústia ligadas ao sofrimento psicótico e, pontualmente, à síndrome do pânico (Aiello-Vaisberg, 2007).

Quando a mãe ou cuidador(a) se revela uma pessoa ausente, que se atrasa excessivamente ou se antecipa de modo ansioso em relação às necessidades do bebê, possivelmente não será capaz de oferecer *holding* de modo a deixá-lo seguro. Assim, ainda que haja leite e nutrição, a mamada será insatisfatória do ponto de vista emocional. Tal configuração não propicia um ambiente suficientemente bom, diminuindo a possibilidade de o bebê viver uma experiência criadora de onipotência para deixar-lhe apenas a possibilidade de reagir aos estímulos (Winnicott, 1986/1970).

Podemos ilustrar essa situação com o exemplo de uma mãe, bastante perturbada, que entrava em estado de ansiedade excessiva quando seu bebê chorava. Ela foi desenvolvendo uma técnica de colocar o mamilo na boca do bebê enquanto ele ainda dormia, estimulando sua bochecha para que sugasse, de modo a evitar o despertar e o choro. Em termos objetivos, podemos pensar que essa mãe estaria, mediante tal prática, realizando boa maternagem na medida em que o filho recebia o alimento sem nem mesmo ter que chorar. Entretanto, reconhecemos que, de acordo com a perspectiva winnicottiana, a mãe estaria, de fato, mantendo o bebê em um estado psíquico intrauterino, no qual não haveria carência, desconforto ou fome, o que, na verdade, poderia comprometer o desenvolvimento dessa criança. Acreditamos ficar claro, nesse ponto, a diferença entre uma mamada reativa a um estímulo e uma mamada que favorece o amadurecimento

emocional, vale dizer, aquela em que o bebê pode vivenciar a potencialidade de criar seu alimento, acordando para o viver sua continuidade de ser como presença humana (Winnicott, 1986/1970).

A mãe biológica é sempre a melhor opção?

Em nossa e em outras culturas cultivamos crenças de que a mãe biológica seria sempre a melhor cuidadora do bebê (Badinter, 1985; Hollway, 2006). Entretanto, quando nos deparamos com uma situação de depressão pós-parto ou qualquer outra que diminua a possibilidade da mãe de assumir o cuidado do seu bebê, percebemos reações fatalistas que geram sofrimento na mãe e naqueles que a circundam. Além disso, há imaginários que romantizam a maternidade e acabam estimulando mulheres a seguirem uma crença de que só seriam boas mães caso se dedicassem exclusivamente ao cuidado dos filhos (Schulte, 2016; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). Dentre alguns estudiosos da maternidade, Gottlieb (2012) e Hollway (2006) pontuam que tais sofrimentos poderiam ser amenizados se vivêssemos em uma sociedade que concebesse formas de parentalidade comunitárias (Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2018).

Nesse sentido, afirmamos que a amamentação pode ser, de fato, uma atividade potente, importante e gratificante, que não precisa ser única e exclusivamente assumida pela mãe biológica, uma vez que várias “mães de leite”, desde que sensíveis às necessidades do bebê, podem desempenhar tal tarefa de modo suficientemente bom. Por outra via, com a substituição do bico do seio por uma mamadeira, outras pessoas, inclusive de sexo masculino, podem também fornecer uma mamada suficientemente boa (Winnicott, 1982/1964).

Ressaltamos, portanto, a necessidade de reconhecimento da amamentação enquanto atividade potente para o desenvolvimento emocional saudável de um bebê. Desse modo, é importante estarmos atentas à opressão social contra a mulher-mãe, levando em conta as situações que a impossibilitam de amamentar de modo suficientemente bom, a fim de evitar culpas e diversas formas de sofrimento emocional. Vale ressaltar que precisamos oferecer um olhar atento também às mulheres que produzem muito leite, mas não conseguem ter empatia com o bebê, uma vez que tais dificuldades podem derivar de questões emocionais. Logo, não devemos, enquanto profissionais, cultivar crenças romantizadas e idealizadas em relação à maternidade, pois estas não favorecem o cuidado psicológico dos envolvidos no cuidado dos bebês.

Finalmente, vale a pena frisar que os cuidadores primários não precisam fazer altos estudos, nem seguir protocolos detalhados para poderem alimentar bebês, tanto os que

geraram como os de outras mulheres, seja ao seio ou mediante o uso de mamadeira. Basta que não estejam excessivamente angustiadas, inseguras, humilhadas ou atormentadas, de modo a poder se encontrar com o bebê num estado de relativa tranquilidade. Não precisam estar num ambiente perfeito, mas sim habitarem campos vinculares e contextos sociais nos quais possam vigorar, de modo predominante, sentimentos de relativa segurança, amparo, solidariedade, igualdade e respeito.

Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de DW Winnicott. In Sucar, I. & Ramos, H. (orgs). *Winnicott Ressonâncias*. (p. 231 – 237) São Paulo, SP: Primavera Editorial.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berestein I. & Puget J. (2008) *Psychanalyse du lien: Dans différents dispositifs thérapeutiques*. Paris, France: Erès. (original publicado em 1997)
- Bleger, J. (1963). *Psicología de la conducta*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida – a cultura dos recém-nascidos no oeste da África*. São Paulo, São Paulo: FAP/Unifesp.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica* (E. de O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hollway, W. (2006) *The capacity to care: gender and ethical subjectivity*. London, England: Routledge.
- Lansinoh Laboratories, Inc. (2014). Duration of Breastfeeding and Opinions Toward Nursing in Public Vary by Country. In *The 2014 Lansinoh Global Breastfeeding Survey*. Virginia, USA: Disponível em: https://www.lansinoh.com/pub/media/wysiwyg/pdf/Global_Survey_Press_Release_-_US_Version.pdf Acesso em 21 Ago 2018
- Rogoff, B. (2005) *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 2005.
- Schulte, A. A.; Gallo-Belluzzo, S. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (no prelo) A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos interdisciplinares em psicologia*, Londrina, Paraná.

Schulte, A.A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, São Paulo. 126p.

Souza, O. A. (2007). Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise. In Poian, C. (2007) *Formas Do Vazio – Desafios ao Sujeito Contemporâneo*. São Paulo, SP: Via Lettera.

Winnicott, D.W. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Imago Ed. (Originalmente publicado em 1975).

Winnicott, D.W. (1987). A amamentação como forma de comunicação. In Winnicott, D.W. (4a. ed.) *Os bebês e suas mães*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes. (Original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (1986). Living Creatively. In Winnicott, D.W. (1970) *Home is where we start from* (pp. 39-54). London, EN: Pelican Books

Winnicott, D.W. (1980). O relacionamento inicial da mãe com o filho. In Winnicott, D.W. *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Belo Horizonte, MG: Interlivros. (Original publicado em 1960)

Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In Winnicott, D.W. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre, PA: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1990). Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self. In Winnicott, D.W. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 128-139). Porto Alegre, PA: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1992). Primitive emotional development. In Winnicott, D.W. *Collected papers: through paediatrics to psycho-analysis*. London, EN: Karnac books. (Original publicado em 1945).

Winnicott, D. W. (1982). Um homem encara a maternidade. In Winnicott, D.W. (6ª ed.) *A criança e o seu mundo* (p.15-18). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC. (Originalmente publicado em 1964).